

# A outra perda de Minas



Tancredo, a esperança dos políticos mineiros, é levado para o Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte.

Num vistoso terno verde, do mesmo tom do verde espalhado pelo Brasil nos cartazes da campanha de Tancredo Neves, compungido, quase chorando, o prefeito de Uberlândia, Zaire Rabelo, eleito pelo PMDB na mesma campanha que fez de Tancredo governador de Minas resumia para seu colega Tarcísio Delgado, a frustração que tomou conta dos políticos do estado depois da morte do presidente:

— Nadamos, nadamos e morremos na praia — dizia ele nos jardins do Palácio da Liberdade antes do início dos tumultos da tarde de ontem.

Olhos vermelhos de quem já havia chorado, Delgado concordava balançando a cabeça. A mais rica e economicamente importante cidade do interior mineiro, Juiz de Fora, é bem um exemplo do município que esperava sua redenção do governo federal de Tancredo Neves. Em meados dos anos 70, ainda embalada pelos sonhos de Brasília e Brasil-potência, calcados nas metas visionárias do II Plano Nacional de Desenvolvimento, a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, então nas mãos da Arena, resolveu entrar com parte dos recursos para a instalação da siderúrgica Mendes Júnior na cidade. O projeto atrasou e, como quase todas as obras do período, mal planejadas e mal dimensionadas, mostrou-se um sorvedouro de dinheiro.

#### Garcia, órfão.

O caso mais significativo da orfandade econômica que a morte do presidente Tancredo Neves provocou em Minas é o próprio governador Hélio Garcia. Oriundo da antiga UDN, Hélio Garcia entrou na chapa de Tancredo para o governo de Minas a fim de ajudar a compor, no PMDB, o PSD e a UDN, duas forças historicamente antagônicas e inconciliáveis no Estado. Conseguiu, no entanto, um entendimento quase perfeito com Tancredo e foi muito importante na consoli-

dação da candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República. Arrebatado — às vezes desastrado — Garcia aceitava, e continuaria aceitando, a tutela de Tancredo. Em troca, esperava receber um tratamento privilegiado do governo federal. E tinha indicações de que teria todos os recursos para administrar bem seu Estado. Tanto que nem se importou muito em brigar para indicar ministros. A defesa que fez da indicação de Francisco Dornelles — ele foi o primeiro a lançar o nome do então secretário da Receita Federal — foi mais um serviço prestado a Tancredo, naquele momento com dificuldades para tornar palatável a indicação do sobrinho, um homem com notórias ligações com o regime anterior e um tecnocrata típico.

Hélio Garcia apostou nas promessas de Tancredo Neves e chegou até a gastar por conta. No ano passado, num gesto de generosidade que nem Tancredo Neves ousou ter, decretou aplicação do INPC integral no aumento do inchado funcionalismo estadual, uma das dores de cabeça constantes de todos os últimos governadores. Para completar, mandou também pagar o 13º salário aos funcionários. Diante do veto dos secretários econômicos, sob a alegação de que a situação econômica do Estado ainda era péssima, Garcia apenas lembrou que Tancredo no governo federal resolveria o problema.

O governador estadual tinha ainda engatilhado, para sair logo depois de 15 de março, um ambicioso plano para levar água e esgotos a 200 localidades do interior, consumindo Cr\$ 1,2 trilhão. O plano já está andando, mas estão parados os programas de recuperação e construção de novas estradas e de construção de escolas públicas. À espera de que o presidente José Sarney aceite ser para Minas o que Tancredo Neves seria.

— Minas está de luto, não existe nada,

## Os mineiros estão órfãos. Tancredo era o fim dos seus problemas.

mas espera algumas recompensas na área federal — adverte o deputado Israel Pinheiro Filho, da Frente Liberal.

#### A dívida de Minas

Minas Gerais começa a acreditar que a perda de seu político mais ilustre coloca o governo federal com uma dívida muito especial para com o Estado. O deputado estadual Sylo Costa, ferrenho adversário político de Tancredo Neves nos últimos tempos, lembra que o espaço de Minas no governo federal estava ocupado por Tancredo:

— O próprio Tancredo dizia que Minas não precisava estar representado no ministério pois seu representante seria ele.

E Sylo Costa — como tantos outros políticos do Estado — não considera os cinco mineiros que estão servindo com Sarney representantes das forças políticas mineiras.

— O Ministério das Minas e Energia é importante e tem lá um político, ex-governador do Estado. O resto, não. O Ronaldo Costa Couto, um técnico, administra catástrofe: o Dornelles e o José Hugo são da cota pessoal do dr. Tancredo e perdem significação. E o Ministério da Cultura tem tão pouca significação que já havia um ministro — o

Zé Aparecido — antes de existir o ministério.

Depois de dois anos de uma administração bastante austera, Tancredo Neves conhecia muito bem a situação do Estado. E com ele Hélio Garcia contava para resolver o problema da rolagem da dívida do Estado, a crônica dor de cabeça do funcionalismo público e a situação dos bancos estaduais, cujas soluções estão apenas encaminhadas, à espera de dinheiro que o Estado ainda não tem. Sem Tancredo, Minas deve recorrer às sutis pressões políticas e à boa vontade de Francisco Dornelles, o guardião dos cofres públicos. O governador mineiro não diz abertamente, mas hoje ele considera uma agressão a Minas e ao legado de Tancredo Neves atacar Dornelles.

A orfandade de Minas também é — ou principalmente é — política. Numa façanha realmente difícil de dimensionar para quem não acompanhou a vida política do Estado, Tancredo Neves conseguiu unir em torno de seu nome e da Nova República praticamente todas as forças políticas representativas do Estado, a velha UDN, o velho PSD, os velhos e os novos agrupamentos de esquerda. A Aliança Democrática, através do PMDB e da Frente Liberal, tem hoje cerca de 90% das preferências eleitorais do Estado. O PDS é um partido residual e o PT, o PDT e o PTB são organizações sem significado. Este conjunto de forças, com São Paulo e com o Congresso Nacional, segundo uma análise do senador Fernando Henrique Cardoso, formou o tripé que sustentou politicamente a candidatura Tancredo Neves. E é considerado fundamental para manter o equilíbrio da Nova República. A situação em que se encontra Minas preocupa o senador paulista. Na segunda-feira à noite, no Palácio do Planalto, durante as homenagens ao presidente Tancredo Neves, Fernando Henrique Cardoso propôs uma pronta ação das forças políticas fede-

rais para ajudar Minas a vencer esta frustração.

#### Mineiros notáveis

— Minas vai ficar bem — assegura o ex-deputado Bias Fortes, o Biazinho. Sarney não vai poder prescindir do apoio que Minas deu a Tancredo.

— Minas sempre se reencontrou nos seus momentos mais difíceis — lembra Israel Pinheiro Filho.

Os dois, filhos de ex-governador do Estado, alegam esta condição e a experiência dos anos vividos no Palácio da Liberdade para garantir que esta é uma crise passageira.

Nem todos pensam assim, no entanto. A frustração, segundo esses, não seria só dos políticos, mas também do povo mineiro. Tancredo tornou-se o último representante daquela estirpe de notáveis políticos mineiros, o único a sobreviver ao ostracismo a que foi relegada a classe política depois de 1964. Todo mineiro acha que seu governador tem obrigação de ser candidato à Presidência da República e deve ocupar um lugar "nos altos conselhos da Nação", como gostava de dizer o próprio Tancredo.

E com ele o Estado voltava a ocupar este espaço, depois de anos de ostracismo e de assistir dois de seus filhos — José Maria de Alkmin e Pedro Aleixo — passarem pela Vice-presidência sem ocupar o cargo e um terceiro — Aureliano Chaves — viver a maior parte de seu período como vice afastado do centro das decisões. Quando tudo estava mudando com Tancredo, sobrevém a tragédia. O efeito é este abatimento moral que para ser vencido vai depender de um trabalho de muita paciência e competência dos políticos. Para o senador Fernando Henrique Cardoso, o caso mineiro é um caso muito complicado. Como a própria atividade política no Estado.

José Márcio Mendonça